

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã Class.: 261Data: 18.11.83 Pg.: _____

Revista da Manhã

Fronteira entre o território de Roraima e Estado de Amazonas. Corre o ano de 1974 e a notícia de que uma tribo de índios — os Waimiri-atroari — espalha pânico e terror nos vales dos rios Camanaú, Jauaperi, Santo Antônio do Abonari, Alau e Atamuã. Massacram brancos e mais brancos, dizem os noticiários oficiais. Tornaram-se mais temíveis depois que exterminaram a missão do padre Calleri, em 1968.

José Porfírio de Carvalho e Gilberto Pinto, dois sertanistas da Funai, convivem com os Waimiri-atroari. Sabem que os órgãos de divulgação do governo omitem dados sobre baixas verificadas entre os índios, em cada massacre. E prometem contar em livro a verdadeira história.

Gilberto Pinto é morto num dos massacres. Mas José Porfírio de Carvalho, um cearense de 36 anos, demitido da Funai em 1980, permanece bem vivo. E atuante: anteontem à noite proferiu palestra no auditório da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, como presidente da Sociedade Indigenista do Brasil.

Paralelamente, fez o lançamento do seu livro Waimiri-atroari — A história que ainda não foi contada. E com isso cumpriu a promessa assumida anos atrás, com seu amigo.

Assessor especial do deputado federal Mário Juruna, José Porfírio conhece de perto a situação do índio brasileiro — além dos Waimiri-atroari, atuou junto aos índios Canela (Maranhão), Guajajara e Apurinã (Amazonas), Lulina e Kaxinawa (Acre). Em 154 páginas, ilustradas com fotos e documentos, José Porfírio narra a história dos Waimiri-atroari, que não era sabida lá fora. Conta como entre 1972 e 1974 esses índios resistiram tenazmente à construção da estrada que liga Manaus a Caracará, em Roraima, matando sertanistas e funcionários da Funai.

Em dois anos a Funai perdera 16 de seus

homens de frente — o que fora notoriamente divulgado pelos órgãos oficiais. Só não mostravam que a população Waimiri-atroari sofria baixas sucessivas com a aproximação da civilização branca; que, de dois mil em 1972, passaram a apenas 600 nos dois anos seguintes.

Durante oito anos José Porfírio guardou, ruminou tudo isso e outros fatos igualmente espúrios. Mas, após reunir Cr\$ 1 milhão, imprimiu o livro Waimiri-atroari — A história que ainda não foi contada. Hoje, três mil volumes espalhados pelo País trazem a outra versão que envolve o episódio dos massacres.

Demitido da Funai em 1980, por não concordar com a política de trabalho daquele órgão para com os índios, José Porfírio de Carvalho chegou a conviver com os caciques Maroaga (waimiri) e Comprido (atroari). Em seu livro, traz relatórios da missão padre Calleri, morto pelos índios em outubro de 1968. Mostra também o que se passou entre os militares do VI Batalhão de Engenharia e Construção e os índios.

Traça um perfil dos Waimiri-atroari, que ocupam faixas de terras situadas entre a foz do Rio Negro e os afluentes do Rio Branco. Andam seminus (somente uma tanga esconde a parte frontal da cintura. Nos últimos dez anos muitos já vestem calções e vestidos), raspam parte da cabeça, não usam enfeites. Nos rios de Roraima, onde vivem, são jogadas as cinzas dos corpos de mortos cremados. Alimentam-se de mandioca, cana-de-açúcar, banana e farinha.

Seu drama teve início com a exploração de castanhais em suas terras, em meados do século passado. De lá para cá tiveram início os combates sangrentos, sendo que eles foram desaparecendo progressivamente. Sua preocupação maior no momento é com a construção da Hidroelétrica de Balbina. Segundo Porfírio, ela trará a inundação das terras dos Waimiri-atroari.